

Plano Baker visava conter Alan Garcia

WASHINGTON — O Plano Baker, lançado na reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em Seul, há dois anos, não passou de uma manobra organizada às pressas em vários cafés da manhã entre o secretário do Tesouro, James Baker III, e o então presidente da Federal Reserve (banco central americano), Paulo Volcker, para tentar esvaziar o impacto da política do recém-empossado presidente peruano, Alan Garcia, que decidiu destinar apenas o equivalente a 10% da receita de exportações do Peru para os pagamentos da dívida externa.

A revelação é de Robin Broad, que na ocasião era alto funcionário da Secretaria do Tesouro americano e trabalhou na elaboração do Plano Baker, iniciativa destinada a aumentar os empréstimos dos bancos privados aos países mais endividados do Terceiro Mundo que concordassem em se submeter a programas de ajustes de suas economias previamente acertados com o FMI e o Banco Mundial. Broad, que hoje é membro da Fundação Carnegie para a Paz Internacional, publicou um artigo no *The New York Times* dizendo que o objetivo do discurso de James Baker em Seul nada mais era do que "recuperar a iniciativa" diante da ousadia de Alan Garcia.

— Como funcionário do Tesouro, participei da talvez mais famosa das não-soluções a que se chamou Plano Baker. Se tratava simplesmente de uma tentativa de conter o impacto do novo presidente do Peru, Alan Garcia, que teve a temeridade de aplicar sua própria fórmula para o pagamento da dívida externa sem consultar os Estados Unidos — disse Broad em seu artigo.

O ex-funcionário do Tesouro revelou ainda que os autores do Plano Baker ficaram surpresos com o êxito da idéia, mas que o projeto "foi principalmente um exercício dialético, um bom discurso sem a ação subsequente.

— O que se propunha era uma ajuda considerável ao Peru, Chile, Brasil, México, Venezuela, Argentina e outros devedores. Entretanto, ninguém perguntou aos bancos comerciais se estavam dispostos a aumentar seus créditos — disse.

Broad conta que, já naquela época, a realidade era que "os bancos privados não tinham interesse em emprestar mais dinheiro e o FMI se tornara em receptor de capital do mundo em desenvolvimento. O Banco Mundial, criado para construir centrais hidroelétricas, não estava capacitado para o manejo do problema".